

# **História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história**

## **Local history, historiography and teaching: about the relationship between theory and methodology in teaching history**

*Maria Aparecida Leopoldino Tursi Toledo\**

### RESUMO

Este texto inscreve-se no debate que atualmente tem-se realizado em torno da história local como proposta para o ensino de História no Ensino Fundamental. Nesse sentido, apontou que, embora tal perspectiva seja importante para romper com a história tradicional, carece de estudos acadêmicos mais especificamente voltados para esse “tipo” ou “abordagem” da escrita da história. Tendo por hipótese essa afirmação, indicou ser relevante a elaboração de problemas que procurem relacionar história, historiografia e ensino escolar, com o objetivo de perceber em que medida as revisões teóricas e metodológicas, realizadas por uma significativa gama de historiadores contemporaneamente, têm permitido repensar conceitos de tempo, espaço, objetos e escalas de análises que possam servir de base para pensar a história local em termos teóricos e metodológicos. Nessa procura, sinalizou positivamente para as contribuições que a nova história urbana pode oferecer nesse momento, destacando os esforços do historiador francês Bernard Lepetit.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Local, Ensino de História, Metodologia do Ensino de História.

### ABSTRACT

This text is part of the debate that currently has been held around the local history as a proposal for teaching history in elementary school. Therein, that while this perspective is important to break with traditional history, lack of academic studies more specifically aimed at this “kind” or “approach” the writing of history. Having this statement in theory, be appointed to draw up relevant issues that seek to relate the history, historiography and school education, in order to understand to what extent the theoretical and methodological review, carried out by a significant range of contemporary historians have allowed rethink concepts of time, space, objects and scales of analysis that might form the basis for thinking about local history in theoretical and methodological terms. Along the way, signaled positive contributions to the new urban history can offer at this time, highlighting the efforts of the French historian Bernard Lepetit.

**KEYWORDS:** Local History; Teaching History; Teaching Methodology of History.

Definir aspectos teóricos e encaminhamentos metodológicos para o ensino de História é uma exigência que, à primeira vista, parece-nos uma questão óbvia para professores que atuam nesse campo disciplinar. Afinal, ter um respaldo teórico e um método de ensino para o trato com conteúdos

---

\* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Professora Adjunta da Universidade Estadual de Maringá (UEM) / Brasil.

escolares é o mínimo que se espera encontrar nos cursos de formação de professores. No entanto, quando pensada nas relações que se estabelecem entre história –entendida como produção de conhecimentos realizados pelo historiador– e ensino –atividade escolar realizada cotidianamente por professores e alunos com os conteúdos da História–, a suposta obviedade toma dimensões mais complexas. Complexidade que nem sempre é possível ser tratada nos cursos de graduação, dado ao espaço que as chamadas “disciplinas pedagógicas” ou as “metodologias do ensino” ocupam na grade curricular dos cursos de formação. O reconhecimento desse fato tem sido amplamente discutido entre os pesquisadores do ensino de História no Brasil, fundamentalmente a partir da década de 1980, quando volta esta disciplina no lugar dos *Estudos Sociais*.

Nesse particular –território em que este trabalho pretende se situar–, verifica-se que os debates têm incorporado discussões sobre espacialidades locais e temporalidades cotidianas que se acham superpostas em momentos históricos específicos.<sup>1</sup> Em parte, pela expansão desses recortes na historiografia nacional e, em parte, por responder às atuais diretrizes curriculares, a História Local tem crescido nas produções nacionais e organizado eixos temáticos para o ensino na escola fundamental, indicando o quanto as questões teóricas vêm ampliando o debate sobre a produção e o ensino de conhecimentos em história no país nas últimas décadas. A propósito de exemplificação, cita-se a proposta curricular dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O ensino de História proposto pelos PCNs para o 1º e 2º ciclos –Ensino Fundamental– está organizado a partir da ideia de que “conhecer as muitas histórias de outros tempos, relacionadas ao espaço em que vivem, e de outros espaços, possibilita aos alunos compreenderem a si mesmos e a vida coletiva de que fazem parte” (BRASIL, 1996: 43-44). Para tanto, deve se realizar por meio da construção da história do lugar.

O estudo do local, como é entendido pelos PCNs, é feito com base em dois eixos de análise temporal: os movimentos da população que vive na localidade (chegada dos primeiros moradores, imigração e emigração), cujas informações devem ser coletadas por intermédio de entrevistas e depoimentos dos atores locais; e o cotidiano dos grupos sociais presentes na localidade, visando

---

<sup>1</sup> Ver *Anais do VII Encontro Nacional: Perspectivas do Ensino de História*. Nele, encontram-se os trabalhos do GT1: História local, regional e ensino de História.

encaminhar o trabalho escolar para a construção do conhecimento do passado ao valorizar a memória local.

No que se refere aos conteúdos a serem trabalhados no decorrer do ano letivo, o documento sugere que venham, em parte, desses depoimentos, geralmente a serem coletados pelos alunos. Para atingir esse objetivo, indica começar as atividades com problemas que girem em torno de questões como: origem da família do aluno, período em que chegaram ao lugar, condições de trabalho e valores culturais dos grupos sociais. Espera-se que nesses depoimentos estejam contidas as respostas acerca das seguintes indagações: “de onde vim” ou “de onde minha família veio” (Migração), “onde trabalho” e “como trabalho” ou “como trabalhava” (Trabalho), “como vivo”, quais os “nossos costumes” (Cotidiano), “como festejamos e brincamos” (Festas), entre outros elementos que podem estar presentes nos relatos (BRASIL, 1996: 53-55).

Nas propostas temáticas, encontram-se, ainda, temas ligados aos aspectos urbanos da localidade, como, por exemplo, “transporte”, “moradia”; “planejamento urbanístico”, que aparecem diretamente vinculados à migração e às formas de organização do espaço local e da temporalidade cotidiana. Tais indicações permitem afirmar que a história local e do cotidiano é o núcleo dos estudos históricos nesse período da escolaridade das crianças brasileiras.

Para o desdobramento metodológico desse núcleo, a construção da historicidade do local deve realizar-se por intermédio das atividades professorais (de pesquisa e ensino) com a participação dos alunos e seus familiares. Por meio dessa ação, espera-se que o conceito de localidade “assuma uma materialidade espacial de relações sociais vivenciadas” (BRASIL, 1996: 77).

A história local, visível como proposta para o ensino de História e aceita em boa medida entre os envolvidos com o tema, pode permitir romper com a história tradicional e superar, em qualidade de saber histórico, os *Estudos Sociais*, uma vez que permite romper com a prática de transposição de conteúdos pré-estabelecidos para o estudo regulado do passado nacional. Entende-se, no entanto, que a história local carece de estudos acadêmicos mais especificamente voltados para esse “tipo” ou “abordagem” da escrita da história e para a compreensão de como se relaciona teoricamente com o ensino escolar.

Isso porque, pela forma como o debate tem se apresentado, atualmente, entre pesquisadores brasileiros do ensino de História (BITTENCOURT, 2004;

SCHIMIDT e CAINELLI, 2004), pode-se afirmar que a história local tem sido compreendida como “história do lugar”, por vezes, ligada à abordagem da história regional e/ou à micro-história. Mas também se encontra o entendimento de que se trata de *estratégia* ou *método de ensino* que permite articular, pedagogicamente, a História do Cotidiano ao espaço local e este ao nacional (SANTOS, 2002). No entanto, no campo da produção historiográfica, a “história do lugar” não está ainda suficientemente esclarecida, embora a localidade ou o lugar tenha se tornado objeto de investigação e ponto de partida para a produção de conhecimentos sobre o passado.

Assim, o objetivo de pensar em como o ensino de História, sob a perspectiva local, poderia estar impactando a prática docente com o fim de avançar as tendências consideradas tradicionais implica, em primeiro lugar, *refletir que história é a história local*. Essa reflexão inicial se faz necessária porque, como se verá, o próprio sentido de História Local coloca os pesquisadores diante de questões complexas a serem melhores pensadas na correlação que estabelece com o campo da historiografia como se apresenta na atualidade.

### ***História local: os parâmetros teóricos são importantes?***

*Com efeito, a formação dos estudantes em história inclui [...] o ensino de historiografia ou de epistemologia que, através de diferentes abordagens, visa suscitar um olhar crítico sobre o que se faz quando se pretende fazer história.*

Antoine Prost (2008: 7).

A epígrafe é citada não para confirmar o feitiço positivo da resposta à indagação que se sugere, mas para lembrar que, como aponta Prost, o ensino de História inscreve-se em uma tradição secular da qual a experiência histórica brasileira é tributária: o “fazer história” remete a um metódico escrito pensado como curso, na Sorbonne, por Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, e publicado, em 1897, com o título *Introduction aux études historiques*. Em outras palavras, preocupados em ensinar como fazer história sem delongas, os autores franceses definiram, em grande medida, os caminhos da “operação historiográfica”, que foram, também em grande medida, aceitos secularmente sem muitas controvérsias no decorrer do século XIX e XX em muitos países da

## Europa e no Brasil.

Na referida obra, os autores esforçam-se para elaborar um “método científico” para a história, de modo que ficassem canonizados os caminhos do ofício de historiador e a “essência eterna” da disciplina. Estimulados pela busca da “verdade” e pelo “culto à ciência”, contribuíram para definir narrativas, legitimar fontes, configurar textos e normatizar a exposição metodológica dos fatos. Remetida a um contexto intelectual, determinado pelas chamadas ciências naturais, a obra, ao preconizar um rigoroso método de fazer história, não suscitou espaço para discussões epistemológicas, uma vez que se entendia que fazer ciência era revelar a verdade. A esse registro, Prost (2008: 9) indica que, no cenário francês, “felizmente, essa atitude está em via de mudar”.

No Brasil, os “ecos” da tradição francesa foram sentidos por historiadores como José Roberto do Amaral Lapa. Em 1981, ao analisar a produção historiográfica nacional dos anos de 1970, afirmou que, em função dessa circulação de ideias no país: “[...] o historiador brasileiro no geral foi quase sempre avesso aos estudos teóricos” (LAPA, 1981, *apud* GUAZZELLI, 2000, p. 9).

Ao que parece, as décadas de 1980 e 1990, também neste país, foram marcantes para rever essa tradição, conforme deixa entrever Ângela Maria de Castro Gomes (2000). A autora, ao tratar da *reflexão teórico-metodológica dos historiadores brasileiros*, afirma que se têm caminhado na direção fértil de “verificar que teoria e empiria estão conectadas, constituindo um todo que faz sentido” (GOMES, 2000: 21). Informa ainda que os avanços na área exatamente se correlacionam com o crescimento dos estudos historiográficos que se vivenciou nas últimas décadas do século XX.

Nesta conjuntura e considerando a tradição francesa presente no país, fica oportuno afirmar que os debates sobre o ensino de História devem incluir a reflexão que todos os historiadores contemporâneos estão convidados: pensar os efeitos epistemológicos de seus trabalhos. Por esse motivo, entende-se que suscitar reflexões sobre o sentido historiográfico da história local é prudente e necessário neste momento. Exatamente porque uma definição teórica e metodológica da história local, por meio dos aportes da historiografia acadêmica, ainda não tem integrado as preocupações centrais dos historiadores brasileiros, o que traz dificuldades para a definição clara (e conseqüentemente

para o debate) do que tem sido a história local nesse campo de produção de conhecimentos.

No que se refere à proposta pedagógica por sua vez, a História Local ou do “lugar” tem ampliado os estudos e relatos de experiências com esses saberes no espaço escolar sem, contudo, abordar, especificamente, os nexos relacionais com a historiografia que vem sendo produzida. De forma geral, existe o consenso, entre os pesquisadores do ensino, de que “o trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidades e identidade” (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004: 113) e pode possibilitar a compreensão do “[...] entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência –escola, casa, comunidade, trabalho e lazer–, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente” (BITTENCOURT, 2004: 168). Tal perspectiva pedagógica, entretanto, não permite verificar se é extraída dos esforços investigativos da produção de conhecimentos construída pelos historiadores ou daquilo que ela é, enquanto conhecimento produzido com normas e padrões de cientificidade,<sup>2</sup> capaz de explicar do passado socialmente vivido.

De forma intrigante, no entanto, a proposta de ensino prevê que o professor assuma papel de pesquisador, com o fim de “munir-se de conhecimentos preliminares sobre a história local e a abordagem que adota de modo a aprofundá-los com a turma, participando com ela da produção desse tipo de conhecimento e da forma de construí-lo” (SANTOS, 2002: 109).

A importância dada ao aspecto operacional a essa perspectiva de ensino traz para o centro do debate questões de investigação histórica, os campos de conhecimentos em história e suas relações com o ensino escolar. Isso porque, no ato pedagógico (aparentemente simples) de localizar, selecionar fontes, por exemplo, cruzam-se vários saberes referentes, quer ao trabalho com o arquivo, quer às técnicas de leitura, à análise e interpretação dessas fontes; ação que suscita debate e investigação, já que exige “selecionar” com base em critérios teóricos e metodológicos válidos para esse campo de conhecimentos. Essa interdependência de saberes e práticas sugere que é importante desenvolver

---

<sup>2</sup> Sobre as questões de cientificidade em história, apoiamo-nos em Certau (2006), para quem a história é um conhecimento cujos resultados são passíveis de serem confirmados, postos à prova.

reflexões que incorporem estudos para além da “justificativa pedagógica” do uso escolar da história local.

Eis porque a indagação e a epígrafe que se coloca no início deste tópico são pertinentes para a discussão que se propõe neste texto: apontar para a necessária reflexão de conceitos como espaço, região, local “quando se pretende fazer história” local na contemporaneidade.

### **Historiografia local e ensino: encontros e cotejos de conceitos**

*Quando nasce a Europa? Eis uma pergunta ambígua, uma vez que pode referir-se, indistintamente, ao primeiro assentamento humano que povoou o espaço geográfico que hoje chamamos assim, à aparição de formas culturais próprias ou ao surgimento de uma consciência coletiva que acabou dando seu nome atual ao espaço, a quem vive nele e a sua cultura...*

Josep Fontana (2005: 9)

Nos últimos anos, tal como demonstram as numerosas obras que se esforçam em delimitar os objetos e métodos da escrita da História (CERTAU, 2006; GINZBURG, 2001; VEYNE, 1995; WHITE, 2008; DOSSE, 2003), a produção do conhecimento histórico se tornou um dos campos mais vigorosos e debatidos do âmbito histórico internacional e com forte circulação entre os historiadores brasileiros. Tais teóricos se basearam em uma série de suspeitas sobre, por exemplo, a cientificidade do saber histórico, dos recortes marcados pelos estudos centrados no Estado-Nação, delimitando sujeitos, temas, determinados documentos e recortes temporais.

As tentativas de repensar o fazer do historiador marcaram essa geração de intelectuais e tornaram possível entender que “antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela” (CERTEAU, 2006: 76, grifo do autor). Em outras palavras, é preciso reconhecer os efeitos sociais na prática historiográfica dos que produzem conhecimentos sobre o passado e sobre o seu próprio sentido na vida individual e social em determinado momento histórico.

Dessa forma, contemporaneamente, vivem-se revisões teóricas e metodológicas realizadas por uma significativa gama de historiadores que tem permitido repensar conceitos de tempo, espaço, objetos e escalas de análises.

Embora o crescente interesse pela história local não tenha acompanhado uma correspondente reflexão teórica e metodológica sobre ela, em que o professor possa apoiar suas decisões, entende-se que esse interesse pela localidade faz-se, em grande medida, pela rejeição dos recortes temporais e espaciais considerados tradicionais.

É possível afirmar que a história local se redefine no contexto das mudanças historiográficas, as quais trazem para a cena novas temporalidades, o interesse pelo cotidiano e por outros sujeitos históricos decorrentes também da atual aproximação e fértil diálogo da história com a antropologia e a geografia como áreas de conhecimento. Aliás, parece ser exatamente esse diálogo disciplinar que faz com que o historiador possa trabalhar com conceitos de mais de um campo de conhecimento. Mais claramente: o historiador é um profissional do campo das ciências sociais, muito preocupado com a periodização e o movimento constante do tempo num determinado espaço; de forma que “[...] promove uma união muito particular entre saberes disciplinares, bem como uma união entre seu objeto de estudo e os conceitos escolhidos, sob o signo da temporalidade” (GOMES, 2000: 20).

Para a reflexão sobre o sentido da história local, essa observação é significativamente instigante, porque, como quer indicar a epígrafe que abre esta discussão, perguntar sobre o que é uma região, um território ou um lugar, na aferição histórica do conceito é ambíguo e depende do conjunto das produções historiográficas realizadas num determinado tempo e espaço.

De acordo com Bittencourt (2004: 171), o geógrafo Milton Santos apresentou importantes contribuições para a definição de *lugar*. Na sua interpretação, “cada lugar tem suas especificidades e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõe e de suas funções”. Nesse sentido, um dos conceitos básicos e fundamentais a ser mais bem explicitado é a identificação do conceito de *espaço* no trato com a história local. Esse elemento permite introduzir uma reflexão sobre a localidade no debate historiográfico, tendo como eixo para essa reflexão as mudanças na chamada “História Regional”. Conforme Albuquerque:

O questionamento da região, como idéia fixa, passaria pela crítica da História, que participou desta cristalização identitária, pela retirada das fronteiras do espaço historiográfico, porque o nacional e o regional não seriam critérios de validação de uma produção historiográfica, nem referenciais pertinentes para fundar uma epistemologia. (*apud*



NEVES, 2002: 60).

Também Mattos (1987), ao problematizar o conceito de região, destacou que essa ideia não se restringe aos limites administrativos como os das capitanias, províncias e estados no Brasil (conforme o recorte temporal preferido), nem se referencia no fato de um grupo de indivíduos habitar o mesmo território, porque essas práticas não estabelecem, necessariamente, redes de relações sociais, nem desenvolvem consciência de pertencimento a universo comum, embora uma região se firme sobre uma base territorial. Para Mattos, se a região localiza-se num espaço –o Alto Sertão da Bahia, por exemplo–, este se distinguiria mais por ser socialmente construído que por suas características naturais; da mesma forma, se a região situa-se no tempo, este se destacaria mais como um determinado tempo histórico –o tempo da *relação colonial*– que por sua localização meramente cronológica. Nessas circunstâncias, a delimitação espaço-temporal existiria enquanto materialização de limites a partir das relações sociais (NEVES, 2002).

Dessa maneira, entende-se que, no curso dessa dinâmica, os conhecimentos históricos da localidade devem estar relacionados, de forma que eles tornam possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas que dizem respeito às relações sociais que se quer conhecer. Nesse sentido, a história local é entendida aqui como uma modalidade de estudos históricos que, ao operar em diferentes escalas de análises, contribui para a construção de processos interpretativos sobre as diferentes formas de como os atores sociais se constituem historicamente. Ou seja, interessa-se pelos modos de viver, coletivos e individuais, dos sujeitos e grupos sociais situados em espaços que são coletivamente construídos e representados, na contemporaneidade, pelo poder político e econômico, sob a forma estrutural de “bairros” e “cidades”.

Esta preliminar definição de história local leva em conta a historicidade do conceito na forma que vem sendo tratado pela historiografia contemporânea. Nesse sentido, toma algumas pistas já anunciadas por Francisco Ribeiro da Silva (2008) no que toca aos objetivos, à metodologia e às ambições teóricas da história da localidade e, no que se refere às reflexões sobre a investigação das cidades, as contribuições de Bernard Lepetit (2001).

Das anotações de Silva (2008), entende-se ser necessário,

metodologicamente, adentrar em um conjunto de práticas sociais vinculadas a experiências históricas que são trazidas à tona pelas mais diversas fontes dos arquivos locais, sinalizando para a possibilidade de indicar que a história local assume, a princípio, algumas características básicas:

1. É uma história que *parte da situação presente para se reportar ao passado*;
2. Embora também se faça no trato com dados quantitativos, é uma história mais *qualitativa do que quantitativa*;
3. É uma história *setorial e limitada* nas suas ambições de generalizações, embora possa oferecer elementos para a confirmação de hipóteses mais gerais;
4. É uma história *concreta* que, através da aproximação da vida cotidiana e do conhecimento empírico, busca atingir mediações com outros espaços e temporalidades sociais;
5. É uma história de caráter *monográfico*. Tende a produzir menos esforços de síntese do processo histórico nacional, pretendendo-se mais monográfica, mais atenta ao tratamento das fontes e às questões de método.

Assim, se, na pesquisa histórica, a importância do documento varia conforme o objetivo e o método empregado, nos procedimentos da historiografia local, isso é pressuposto, uma vez que sua escrita exige recursos específicos a depender dos tipos de documentos existentes e de suas condições de preservação para a investigação da malha urbana que foi se formando em determinado espaço. Por esse motivo, um dos primeiros caminhos a serem trilhados pelo historiador é conhecer os arquivos e os acervos que a cidade dispõe e definir o *local* tendo por fundamentos a seleção de fontes.<sup>3</sup>

Tais observações são relacionadas aos estudos de Lepetit sobre a história urbana, porque esse campo de estudos historiográficos se ocupa do trajeto assumido pelas cidades em suas relações com a formação do espaço e as sociabilidades que nele vão se apresentando. Ao pensar a cidade, o autor permite pensar junto a malha urbana e territorial que socialmente vão se formando nos espaços coletivos, “enfocando-a ainda como um observatório das

---

<sup>3</sup> Sobre o conceito de região ver: Graça Filho (2009).

relações entre os homens, onde passados diversos se encontram” (SALGUEIRO, 2001: 15).

Lepetit contribui significativamente para pensar conceitos relacionados à história local, uma vez que entende ser a cidade um objeto complexo que, para ser apreendido em diferentes temporalidades, necessita do cruzamento e confronto de fontes, bem como das interrogações das ciências humanas. Nesse sentido, conforme se verifica no item abaixo, estas reflexões indicam que a história urbana traz contribuições valiosas, por intermédio dos conceitos que utiliza e dos empréstimos metodológicos que faz de outras áreas de conhecimento, para se estudar a história local em suas relações com o ensino escolar, tendo a cidade como objeto privilegiado da análise.

### **História local e cidade: contribuições da História Urbana para o ensino da localidade**

Ronald Raminelli (1997: 195), ao estudar os motivos pelos quais a História Urbana recebe ampla atenção dos pesquisadores brasileiros, indica que um dos principais motivos seria que a cidade, como objeto de conhecimento dos espaços de sociabilidade, apresenta-se, na contemporaneidade, como o “*locus* e expressões acabadas das formas da vida social”. Informa que “o crescimento e proliferação de cidades marcaram profundamente a história europeia do século XIX, quando se presenciou uma grande alteração da vida urbana em cidades como Londres e Paris” (RAMINELLI, 1997: 185), permitindo que estudiosos (Simmel; Lukács; Adorno; Benjamin) percebessem melhor as relações entre *cidade e modernidade*.

Em seu artigo, afirma que os estudos de Simmel partem do princípio de que “o real exprime-se nos detalhes da vida cotidiana, revelando inúmeros aspectos das complexas relações sociais”. Assim, “a cidade, por conseguinte, reúne detalhes preciosos sobre o real”. Ela é também, na apreciação de Simmel, “um fato cultural, um caldeirão de impressões, de sentimentos, de desejos e de frustrações”. Para anotar outra perspectiva analítica da cidade, cita Friedrich Engels, para quem a metrópole, pela alta concentração populacional, tornou os “[...] homens subjugados aos milagres da civilização e tiranizados pelos desagradáveis e fastiosos arroubos da multidão”. No estudo de Raminelli, encontra-se ainda a afirmativa de que os escritos de Walter Benjamin também

inspiraram vários pesquisadores dedicados à compreensão da cidade como espaço da modernidade, ao recorrer à literatura do século XIX para pensar as transformações provocadas por ela. Na mescla filosófica da literatura e projetos urbanísticos, Benjamin teria traçado “uma história das idéias no mundo sacudido pelas inovações capitalistas” (RAMINELLI, 1997: 198).

Esses estudos, segundo o autor, foram fundamentais para que se chegasse à cidade como objeto de análise histórica e suas abordagens teriam aceitação entre os historiadores latino-americanos por abordar as mesmas questões do crescimento urbano: planejamento das cidades, aumento populacional, imigração, migração, transporte, comércio.

A cidade, nos diferentes aspectos da produção do conhecimento histórico específico e das formas de entendimento de suas tramas relacionais com outros espaços e tempos históricos, torna-se um objeto privilegiado de pesquisa histórica, na qual se destaca o papel das experiências sociais como definidoras dos espaços de sociabilidade. Esses contornos reflexivos permitem articular historiografia local com história da localidade e selecionar eixos de estudos no ensino de História. É nesse sentido que se ressalta a importância de Bernard Lepetit (1948-1996).

A autora brasileira Heliana Angotti Salgueiro é estudiosa das obras deste pesquisador. Na coletânea *Por uma nova História Urbana* (2001), apresenta o ex-professor na *Ecoles des Hautes Etudes em Sciences Sociales* de Paris e anuncia que a vasta obra do historiador francês trouxe, na sua compreensão, uma grande contribuição para as contemporâneas maneiras de escrever a história. Afirma que, tendo sido membro da revista *Annales* desde 1988, Lepetit abriu diálogo com a Geografia, a Economia, a Sociologia, a Antropologia e a Arquitetura, num momento de mudanças significativas da historiografia francesa, renovando os estudos urbanos.

Sem pretensões de ousar um balanço historiográfico de sua obra plural e inacabada, chamo a atenção apenas para alguns eixos de análise que se destacam em seus inúmeros artigos e livros: a CIDADE e o ESPAÇO, este sempre presente [...] e confrontado ao TEMPO, a gênese do TERRITÓRIO, das aglomerações e da população; [...] seguem a organização das REDES URBANAS e a construção e a interpretação de REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS, em que pensar a cidade significa pensar junto a malha urbana e territorial, enfocando-a ainda como um observatório das relações entre os homens [...]. (SALGUEIRO, 2001: 15).

Seguindo as pistas deixadas pela autora, é possível afirmar então que, ao tratar da posição do historiador frente a seu objeto, Lepetit destaca a pertinência do *recorte* como questão central para tornar viável uma interpretação histórica do local. Ao eleger a cidade e o espaço como eixos analíticos, a localidade é construída tendo por base o cruzamento de fontes de natureza diversa e em vários níveis de articulações, dialogando com outros estudos já realizados sobre a formação urbana que se quer compreender. Em síntese, sua importância para a História Urbana advém desses conceitos que organizam os principais eixos de seu pensamento: as cidades e o espaço em relação às categorias temporais e com escalas de observação variadas, com destaque para a trajetória dos atores sociais.

Nesse sentido, a história local pode ser escrita por meio da construção coerente de relações nas quais a cidade é desconstruída analiticamente para entendê-la a partir de questões parciais, colocadas frente a suas múltiplas dimensões: sociais, econômicas, políticas e culturais. Ou seja, por intermédio dos estudos de Lepetit, é possível tecer especial atenção para as situações locais, buscando a relação indissociável “entre os grupos sociais e a configuração material das cidades”, chamando a atenção para “os limites das relações imediatas entre espaço e sociedade, território e comunidade” e, enfim, avançar na perspectiva de “estudar o engajamento das sociedades urbanas no presente das cidades ou as modalidades de reutilização das formas urbanas do passado [...]” (SALGUEIRO, 2001: 19).

Estas indicações sugerem que o trabalho escolar com a história local pode, à medida que as pessoas são ouvidas (conforme é sugestão dos PCNs), realizar uma bibliografia sobre a cidade, explorada através de fontes diversas, como: jornais, publicações historiográficas e fotos; de forma que se possa desencadear um processo de apropriação numa rede complexa de inter-relações. Neste processo, articulam-se a atividade social dos indivíduos e sua percepção da historicidade do local, recortando e deslocando problemas socioculturais na construção da relação entre as experiências locais no tempo e a construção do relato histórico consciente de seus resultados epistemológicos.

### **Considerações finais**

Este texto inscreve-se no debate que atualmente tem-se realizado em torno da história local como proposta para o ensino de História no Ensino Fundamental. Nesse sentido, apontou que, embora tal perspectiva seja importante para romper com a história tradicional, carece de estudos acadêmicos mais especificamente voltados para esse “tipo” ou “abordagem” da escrita da história.

Tendo por hipótese essa afirmação, indicou ser relevante a elaboração de problemas que procurem relacionar história, historiografia e ensino escolar, com o objetivo de perceber em que medida as revisões teóricas e metodológicas, realizadas por uma significativa gama de historiadores contemporaneamente, têm permitido repensar conceitos de tempo, espaço, objetos e escalas de análises que possam servir de base para pensar a história local em termos teóricos e metodológicos.

Nessa procura, sinalizou positivamente para as contribuições que a nova história urbana pode oferecer nesse momento, destacando os esforços do historiador francês Bernard Lepetit. Para esse autor, a cidade, como objeto de análise, pede uma análise interdisciplinar e de confrontação das interrogações que as ciências humanas dirigem a ela. Entende-se que tal perspectiva analítica pode permitir estudos históricos da localidade, definindo o que é localidade, região, território, povoado, etc. Conceitos operantes da narrativa da história urbana que, ao serem cotejados interdisciplinarmente, possibilitam maior fecundidade da articulação dos diferentes níveis de observação realizados pelo cruzamento criterioso das fontes e pela centralidade das análises nas ações dos atores sociais.

Ao refletir sobre questões de teoria e metodologia do ensino em História, o texto não pretendeu tratar especificamente da obra nem apresentar o autor, mas sinalizar para a importância dos eixos analíticos (a cidade, o espaço, o tempo) que Lepetit acolhe para seus estudos sobre o urbano para a reflexão da história local. Encerram-se essas preliminares articulações teóricas afirmando que, por intermédio dessas opções metodológicas da pesquisa em história urbana, é possível, no debate sobre o ensino da História Local, avançar nas investigações e propostas de usos pedagógicos da história local nesse ensino na escola fundamental.

## Bibliografia

BITTENCOURT, Circe. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. História. Brasília, DF: MEC, 1996.

CERTAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DOSSE, François. *A história*. São Paulo: EDUSC, 2003.

FONTANA, Josep. *A Europa diante do espelho*. Tradução: Omar Ribeiro Tomaz. Bauru, SP: Edusc, 2005.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Angela C. A reflexão teórico-metodológica dos historiadores brasileiros: contribuições para pensar a nossa História. In: GUAZZELLI, Cesar A. B. (Org.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GRAÇA FILHO, Alfonso de A. *História, região & globalização*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GUAZZELLI, Cesar. A. B. (Org.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana – seleção de textos*. Apresentação: Heliana Angotti Salgueiro; tradução Cely Arena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MATTOS, Ilmar R. de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec; Brasília, DF: INL, 1987.

NEVES, Erivaldo F. *História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade*. Salvador: Arcádia, 2002.

PROST, Antoine. A história na sociedade francesa. IN: *Doze lições sobre a história*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RAMINELLI, Roland. História urbana. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: teoria e método*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SALGUEIRO, Heliana. A. Apresentação. IN: LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana – seleção de textos*. Tradução Cely Arena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, Joaquim. J. M. dos. História do lugar: um método de ensino e pesquisa, para as escolas de nível médio e fundamental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9, nº 1, pp. 105-124, jan.-abr. 2002.

SCHMIDT, Maria A.; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e Ação no Magistério).

SILVA, F. R. História local: objetivos, métodos e fontes. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>>. Acesso em: 01/11/2008.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília, DF: UNB, 1995.

*Maria Aparecida Leopoldino Tursi Toledo*

História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia...

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 2008.

Colaboração recebida em 02/04/2010 e aprovada em 04/07/2010.